

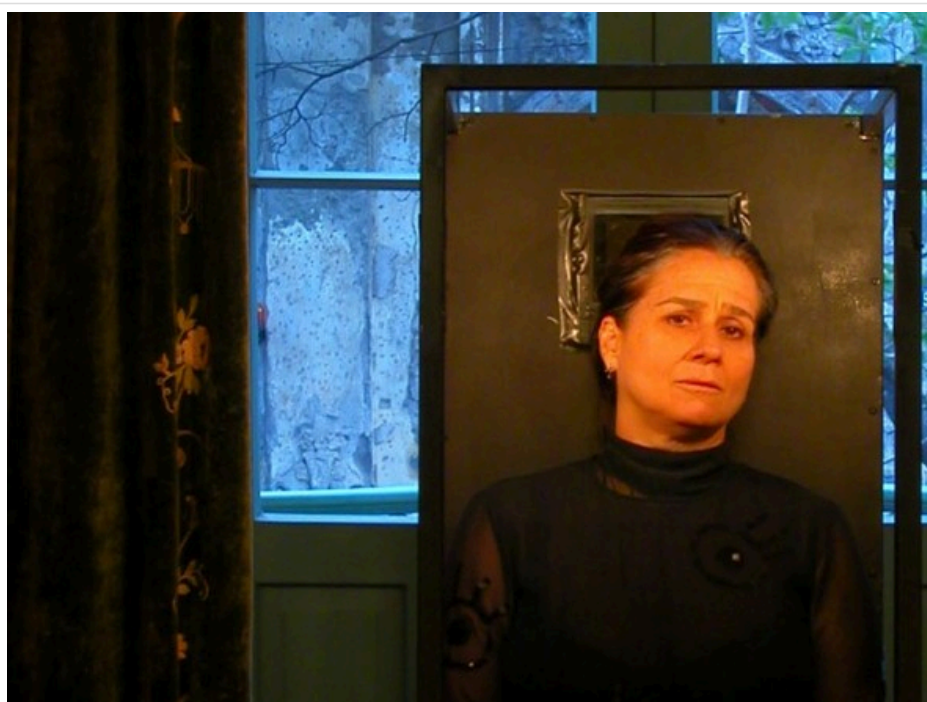
O movimento vivo da repetição

Crítica da peça *Balanço*, de Samuel Beckett, no Festival Resta Pouco a Dizer

15 de março de 2008

Críticas

Daniel Schenker



Atriz: Vera Holtz. Foto: divulgação.

Entre as características centrais da dramaturgia de Samuel Beckett está o aproveitamento da repetição – mas não como um elemento cristalizador que impede a transformação. *Esperando Godot*, seu texto mais conhecido, é marcado por uma estrutura circular que, porém, admite alterações (simbolizadas, por exemplo, pelo surgimento de folhas na árvore ressecada, conforme anuncia a rubrica no início do segundo ato). Em *Balanço*, encenada por Adriano e Fernando Guimarães dentro da programação formada por peças curtas e performances (reunidas sob o título *Resta Pouco a Dizer*), também vem à tona a sensação de uma repetição não-viciada, que vai se modificando em meio à impossibilidade de ser interrompida.

Não há propriamente um início em *Balanço* ou talvez se possa dizer que o início se dá em reticências, no sentido da continuação de numa espécie de cantilena eternizada ao longo do tempo (“o balanço onde a mãe balançava, todos os anos”) que só findará com a morte. Sentada na cadeira de balanço, Vera Holtz surge vestida de preto, possivelmente num luto que antecipa a própria morte, trazendo à tona uma idéia de espelhamento (“Uma outra como ela”). “Mais” é a primeira palavra dita pela atriz, palavra que será repetida no começo de cada nova parte do texto, que, por sua vez, renasce sucessivas vezes após a impressão de fim deixada ao término da parte anterior. “Hora de parar, hora de parar”, repete Vera Holtz, sem conseguir frear a repetição, interromper o fluxo contínuo.

Um fluxo contínuo que, contudo, vai se revelando mais frágil à medida que *Balanço* avança. A voz da atriz se torna mais suave a cada repetição e a gesticulação das palavras, mais mastigada e mais perceptível ao público. O “efeito” é menos exasperante que hipnótico e redimensiona o entendimento de informação no teatro de Samuel Beckett – não tão relacionado a um conteúdo a ser extraído de uma determinada obra, mas também ao modo como o ritmo e a proposta estética reverberam no espectador.

No primeiro caso, a montagem de *Balanço* evidencia não apenas um andamento descendente na maneira como Vera Holtz diz o texto como o descompasso entre o tom grave com que a atriz profere a única palavra em cena (“Mais”) e uma certa docilidade que marca toda a narração em off. No decorrer da apresentação, este descompasso diminui a partir do momento em que a fala ao vivo se fragiliza. Seja como for, a perspectiva do descolamento é importante na obra de Beckett, valendo evocar a desarticulação entre fala e pensamento, norteadora em *Eu não*. No que diz respeito à proposta estética, *Balanço*, como as demais peças curtas do dramaturgo, recebeu indicações rigorosas e Adriano e Fernando Guimarães parecem tê-las obedecido: “luz suave sobre a cadeira, o resto do palco no escuro”. Frequentemente em Beckett, os personagens surgem aprisionados dentro de um espaço delimitado, ainda que em peças como *Balanço* esta “restrição” seja algo indefinida pela amplitude da própria escuridão.

Vol. I, nº 1, março de 2008